

domingos

A UM AMIGO EM PARIS

No janeiro — Aos domingos, amigo, é preciso ser domingueiro. Nós o fomos, indo à Barra da Tijuca. E como todo mundo que vai à Barra da Tijuca, nós éramos supostos ir pescar siri — se v. me permite esse horrível anglicismo que uso aqui não por adotá-lo, mas para vituperar os que o fazem.

O extremo sul da cidade tem, de resto, certo prestígio pecaminoso; o qual prestígio, nestes últimos cinqüenta anos, tem precisamente marchado para o Sul. Pois no começo do século a perdição das moças era um piquenique em Copacabana; por volta de 1930 as pessoas pudibundas coravam ao ouvir falar em Bar-Vinle; depois o pecado passou para o Leblon; e foi, com os tempos, se metendo pela Avenida Niemeyer. A cidade cresce, amigo, e a fuga dos pecadores acabará, já transportada a praia da Gávea e vencidos os altos subseqüentes, se estirando pela Marapendi abaixo.

Mas fiquemos na Barra — onde, sob pretexto de pescar siri à noite, tantas almas já se perderam. Hoje os pecados, como os ratos, prosperam por toda a parte na cidade — e, como eles, andam gordos. Nosso passeio foi limpo e matinal e, eu já disse, perfeitamente domingueiro. Tinha até criança tomando guaraná. Levamos óculos submarinos e canudinhos de respirar, pé-de-pato e arpões improvisados.

Falava-se em robalos na maré. Não os houve. Ou por não ser tempo deles, ou por haver gente demais tomando banho. Eram grupos quase sempre de morro e de subúrbio, gente de todas as cores e idades que se banhava, comia, bebia, tocava e cantava. Os peixes que vimos não eram grandes e, tirante um bagre, tudo o que se arpoi foram alguns siris, inocentes e azuis, que subiam com as águas do mar. Mas eu quero falar de desses óculos de mergulhar, que nos deixam ver o fundo da água como pelo cristal de aquário. O homem ganhou com esses óculos, uma nova e linda visão do mundo, ou de parte dele.

Não sei porque uma intervenção tão simples custou tanto a ser feita, ou pelo menos a ser usada pelo vulgo. Confesso-lhe que, diante de paisagens tão encantadoras, como essas que tenho visto neste verão no fundo do mar, fiquei triste. Senti-me logrado por não haver desses óculos em minha infância, tão cheia de rio e de mar. Só agora me chegam essas delícias, quando o tempo é escasso, os músculos cansados e o fôlego curto. Consolei-me assistindo, sob as águas, às evoluções ágeis de um ~~peixe~~ ~~peixe~~ ~~peixe~~ que perseguia um pequeno cardume de peixes esquivos.

Dê ~~o seu~~ filho, amigo, óculos submarinos. Você lhe dará emoção e beleza. Que os olhos deles vejam o que os seus perderam na infância. Essas pedras, areias, algas e peixes, esses raios de sol cortando o fundo da onda clara, esse mundo de encanto e de silêncio, tudo isso nossos filhos merecem ver. Pobres garotos! Tudo o que pudermos lhes oferecer de lindo será pouco — pois nem eu nem você podemos nem ousamos prever quanta coisa feia e triste eles são obrigados a ver neste mundo que nós e nossos pais lhes deixamos de presente...

24.1.51

R. B.

Domingo de
~~verão~~
Verão na Barra

M. 1965

innocência

uma criança minha conhecida
às crianças,

as crianças

372